

SEMANÁRIO

ECCLÉSIA

25 de setembro de 2014 | n.º 1447 | Este número: 3€

CARIDADE, JUSTIÇA E SOLIDARIEDADE: CONSCIÊNCIAS E PRÁTICAS

Tradições religiosas
Dinâmicas e personalidades
O presente que contém o futuro



Edição:

Agência Ecclesia do Secretariado Nacional
das Comunicações Sociais da Conferência Episcopal Portuguesa

Coordenação científica:

Centro de Estudos de História Religiosa
da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa

SEMANÁRIO
ECCLESIA



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA

Âpoios:

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Montepio

Cáritas Portuguesa

Irmandade dos Clérigos



SEMANÁRIO
ECCLESIA

EDIÇÃO ESPECIAL N.º 1447
25 DE SETEMBRO DE 2014



Propriedade:

Secretariado Nacional das
Comunicações Sociais
(Conferência Episcopal Portuguesa)
Diretor: João Aguiar Campos

Edição:

Agência Ecclesia
N.º de Registo: 109665
Diretor: Paulo Rocha
Chefe de redação: Octávio Carmo
Redação: Carlos Borges,
José Carlos Patrício, Henrique Matos,
Lígia Silveira, Luís Costa,
Luís Filipe Santos, Manuel Costa,
Sónia Neves, Tiago Azevedo Mendes,
Tiago Cristóvão

Coordenação Científica:

Centro de Estudos
de História Religiosa da
Universidade Católica Portuguesa

Coordenadores:

António Matos Ferreira
Paulo Alexandre Alves
Sérgio Ribeiro Pinto

Colaboradores:

André de Campos Silva
António Matos Ferreira
Carimo Mohamed
Domingos Vieira
Filomena Andrade
Francisco João Osswald do Amaral
Helena Ribeiro de Castro
Inês Rodrigues
João Coelho Azevedo
Luís Carlos Amaral
Maria C. Fernandes
Paulo Alexandre Alves
Pedro Lage Reis Correia
Timóteo Cavaco

Projeto gráfico, paginação e produção:

Dupladesign

Secretaria:

Ana Gomes

Redação e Administração:

Quinta do Cabeço, Porta D
1885-076 MOSCAVIDE
Tel.: (+351) 218 855 472
Fax: (+351) 218 855 473

Tiragem: 8000 exemplares / Depósito Legal n.º 104002/96

agencia@ecclesia.pt

www.agencia.ecclesia.pt

A solidariedade na pluralidade das formas do Cristianismo

Timóteo Cavaco // Licenciado em Bioquímica / Secretário-Geral da Sociedade Bíblica

O universo protestante

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, Portugal e a Europa, em geral, experimentaram fortes transformações na sua forma de estruturação social, fundamentalmente devido aos movimentos migratórios decorrentes da Revolução Industrial. As comunidades e instituições cristãs secularmente habituadas a emprestar uma parte dos seus recursos à caridade, eram agora estrangidas a responder a novas necessidades. Embora a ajuda ao mais fraco faça parte integrante da teologia cristã, pode-se dizer que foram razões de ordem mais pragmática que começaram a inquietar as instituições eclesiais de um lado ao outro da Europa, impondo-lhes uma agenda mais virada para essas novas necessidades das pessoas e das populações. No que diz respeito ao território português essa preocupação foi de tal modo sentida que, mesmo antes da implantação formal e definitiva das comunidades protestantes, se estabeleceram serviços de apoio com diversas valências, nos campos da ação social, cultural e educativa.

As obras sociais protestantes nunca procuraram servir de forma exclusiva os fiéis das suas comunidades, embora a esse serviço mais alargado, ou seja, para além das fronteiras das suas pequenas comunidades, estivesse subjacente uma forte crítica à estrutura social vigente e conseqüentemente à religião dominante. Já no século XVIII, Cavaleiro de

Oliveira, antonomásia de Francisco Xavier de Oliveira (1702-1783), o primeiro português convertido ao anglicanismo, criticava fortemente no seu *Discours pathétique au sujet des calamités présentes, arrivées en Portugal* (1756) as opções religiosas dos portugueses, que nas suas atitudes supersticiosas e idólatras teriam atraído a ira de Deus, provocando a profunda devastação de 1755. Não é também de estranhar que os protestantes se socorressem tantas vezes da célebre conferência do Casino de Antero de Quental (1842-1891), *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos* (1871), a qual, não tendo como intenção fazer uma apologia doutrinária do Protestantismo, servia na perfeição a sua crítica ao modelo social e religioso vigente. Cerca de 40 anos mais tarde, Eduardo Moreira (1886-1980) viria a retomar o tema com *A Crise Nacional e a Solu-*



Eduardo Moreira

ção Protestante (1910), que, muito mais do que uma mera seqüela do trabalho de Quental, continha uma verdadeira proposta de sociedade de cariz protestante. Outros elementos da vida protestante portuguesa ao longo do seu primeiro século de existência, como o lema profusamente usado de “Portugal para Cristo” ou publicações periódicas como é o caso de “Portugal Novo”, órgão oficial da Juventude Evangélica Portuguesa publicado entre 1928 e 1948, evidenciavam o empenho numa transformação real do país, através da propagação dos seus ideais.

A primeira necessidade social a que os protestantes em Portugal procuraram corresponder foi a da educação. Este assunto é profusamente tratado por José António Martin Moreno Afonso na sua obra *Protestantismo e Educação: história de um projecto pe-*

ções, era indubitavelmente as crianças. Deixadas sozinhas durante o dia em habitações improvisadas, por isso fora do seu núcleo familiar alargado a que estavam habituadas em zonas rurais, enquanto os progenitores labutavam pelo mantimento, eram novas demais para trabalhar, pelo que assim acabavam por ficar “ao-deus-dará”, durante a maior parte da sua infância. Mesmo em Portugal, onde esse processo decorreu de forma mais lenta, esta foi uma realidade que se instalou e à qual era preciso acudir.

Apesar de a Carta Constitucional de 1826 prever a instrução primária gratuita a todos os cidadãos (Art. 145 § 30), a rede escolar pública era claramente insuficiente para acudir ao analfabetismo grassante, que em 1850 chegava aos 85%. Obviamente, as incipientes comunidades protestantes, tanto no



Robert Kalley

dagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XIX (2009). Segundo o autor, as primeiras comunidades protestantes assumiram «a fundação de escolas como um aspeto nuclear da sua acção evangelizadora e assistencial». Apesar de algumas destas experiências pedagógicas se terem prolongado até aos anos 70-80 do século XX, é no período de transição do século que este esforço se mostra mais notório. O elo mais fraco das novas comunidades importadas dos territórios rurais para as cidades em rápido processo de industrialização, com poucas ou nenhuma condi-

território continental como insular, não tinham os recursos humanos e financeiros suficientes para acorrer a esta grave situação. Porém, graças à dedicação e persistência inicial de alguns britânicos residentes em Portugal, a ação educativa tornou-se nuclear para as comunidades protestantes, tal como refere Moreno Afonso. Sintomaticamente, nos territórios debaixo de administração colonial a situação não era exatamente a mesma, pois a presença de missões protestantes estrangeiras desde cedo permitiu o acesso a recursos financeiros e humanos inexistentes na “metrópole”.

William Booth (1829-1912)

Fundador do “Exército de Salvação” (*The Salvation Army*) nasceu a 10 de abril de 1829 em Sneinton, na Inglaterra. Passou uma infância atribulada já que o seu pai, outrora detentor de consideráveis recursos financeiros, acabou por conduzir a família à pobreza, tornando-se alcoólico em consequência do infortúnio. Booth desde muito novo evidenciou uma grande preocupação com a condição espiritual do ser humano, porém consciente de que era necessário atender igualmente às condições sociais, políticas e económicas envolventes, dando assim mote a um dos mais conhecidos lemas do Exército de Salvação em todo o mundo: “Sopa, Sabão e Salvação”. William Booth iniciou o seu trabalho cristão como pregador leigo da denominação metodista, embora tenha colaborado com diferentes ramos desta igreja. Acabou por ser ordenado pastor em 1858, embora tenha mantido um ministério bastante irregular e itinerante. Já casado com Catherine Mumford [Booth] (1829-1890), William estabeleceu em 1865 a Missão Cristã, uma tenda em que a mensagem do Evangelho era pregada, em Whitechapel, na região de Londres. Pregando nesta e noutras zonas miseráveis de uma cidade de Londres ainda não adaptada à realidade da industrialização, Booth acabaria por lidar com situações decadentes de pessoas envolvidas com álcool, crime e prostituição. Foi a sua convicção de que era necessário declarar guerra à pobreza, anunciando a única mensagem válida à condição humana – a salvação que só existe em Deus – que o levou a transformar a Missão Cristã em Exército de Salvação em 1878. De modo a atender de uma forma mais disciplinada e empenhada às necessidades das populações a que servia o “movimento salvacionista” adotou efetivamente uma estrutura militar, em que ainda hoje existem soldados e oficiais de várias patentes. O próprio William Booth tornou-se o primeiro general deste Exército, cargo que exerceu de 1878 até à sua morte em 20 de agosto de 1912. Embora esta estrutura para-eclésiástica tenha sofrido bastante nos primeiros tempos em resultado de reações e mesmo de perseguição, tanto de alguns interesses económicos instalados como até de entidades cristãs, como a própria Igreja de Inglaterra, Booth viria a tornar-se uma personalidade altamente prestigiada, tendo sido inclusivamente convidado a assistir à coroação do rei Eduardo VII, em 1902, e, quatro anos mais tarde, sendo-lhe outorgado um grau honorário pela Universidade de Oxford. O Exército de Salvação está hoje presente em 124 países, tendo chegado a Portugal a 28 de janeiro de 1972. Aqui, como em todo

o mundo, consoante as respetivas necessidades, dedica-se a ações de apoio social e espiritual através da manutenção de hospitais, escolas, quintas, lares e centros para crianças, lares para idosos, abrigos para os sem-abrigo, campos de refugiados, centros de emprego, clínicas, lojas de carpintaria, centros de apoio para seropositivos, clínicas de educação para a saúde, etc.



A primeira intervenção social deste género que se conhece em Portugal operada por um protestante de forma consistente ocorreu na ilha da Madeira, ainda na primeira metade do século XIX, embora não destinada exclusivamente a crianças. Robert Kalley (1809-1888), médico e missionário escocês, chegou ao Funchal em outubro de 1838. Em poucos anos Kalley desenvolveu uma verdadeira rede de escolas domésticas, gratuitas, dotadas de um método de alfabetização eficiente. É o próprio médico escocês que afirma que, entre 1839 e 1845, mais de 2.500 pessoas frequentaram estas escolas informais, em que o principal livro de texto era a Bíblia. Para além da sua evidente preocupação com a educação, particularmente a alfabetização básica, Robert Kalley colocou os seus conhecimentos e preparação profissional em prática tendo desempenhado vasta e profícua ação médica naquela região insular. Segundo Michael P. Testa, autor de *Robert Reid Kalley: o Apóstolo da Madeira* (1963) «em 1840, instalou no Funchal, por sua conta, um hospital de doze camas, que incluía serviços de clínica e farmácia. Oferecia aos pobres tratamento e hospitalização gratuitos, sem lhes apresentar conta dos seus serviços médicos, nem do fornecimento de medicamentos».

Merece também destaque o denodado trabalho educativo empreendido em Lisboa pelo casal inglês Roughton. Francis (1791-1870) e Ellen (1802-1883) estiveram envolvidos na direção da escola britânica fundada na capital em 1837, que funcionava na dependência da capelania anglicana na Estrela. Sendo esta uma instituição dedicada ao ensino de crianças britânicas, nos anos 60 Ellen decidiu desviar os seus esforços para as crianças portuguesas sem recursos, providenciando-lhes a educação básica de que necessitavam. Por mais de 20 anos, Ellen e duas das suas filhas mantiveram uma escola por onde passaram muitas crianças da capital, apesar da forte oposição que tiveram de enfrentar, tendo o caso chegado a ser discutido no parlamento, tanto na Câmara dos Pares (1866) como na Câmara dos Deputados (1868). De todo o modo, uma inspeção oficial conclui-

Liga Evangélica de Acção Missionária e Educacional

Constituída formalmente no final de 1933, conta, entre os seus fundadores, com os mais destacados líderes do movimento protestante na época, como José Santos e Silva (1863-1940), como presidente, Eduardo Moreira (1886-1980), secretário, e ainda J. P. da Conceição (1870?-1951), António Ferreira Fiandor (1884-1969) e Robert Moreton (1875-1936). Tinha como principal objetivo unir as diferentes comunidades e expressões evangélicas que se tinham expandido por todo o território em prol de uma ação missionária concertada particularmente direcionada para as colónias em África, a qual passava também, segundo os seus Estatutos originais, pelo “estudo das condições de vida e da ação da obra missionária existente nas colónias portuguesas”. A Liga foi extremamente importante no acolhimento a muitos missionários estrangeiros que aqui aprendiam a língua portuguesa antes de seguirem para os seus pontos de missão; intermediava ainda a relação entre estas agências estrangeiras e o Estado português nomeadamente no processo de obtenção de vistos de residência. A partir dos anos 50 a face mais visível do trabalho da Liga passou pela construção de um Lar de Estudantes que acabou por acolher muitos estudantes africanos com ligações às missões protestantes em África e que vinham para a metrópole a fim de receberem formação tanto em Teologia como noutras áreas do saber. Alguns destes vieram a assumir importantes responsabilidades políticas e governativas após as independências de 1974-1975, a saber: Anastácio Rúben Sicato (Angola), Armando Guebuza (Moçambique), Daniel Chipenda (Angola), Graça Simbine [Machel] (Moçambique), Júlia Etaúngo [Hamakwaya] (Angola), ou Paulo Tchililica (Angola). Atualmente a Liga mantém um Lar de Estudantes e projeta criar um centro para apoio a imigrantes.

ria que as condições pedagógicas daquele estabelecimento de ensino eram perfeitamente adequadas.

É ainda a outro britânico, o escocês Archibald Turner (1801-1880), que se deve a instalação em Lisboa de duas escolas de ensino primário que só vi-

riam a encerrar as suas portas já depois de 1974. Turner, chegado a Portugal em 1824, foi um conceituado homem de negócios na nossa praça. Para além das suas participações em diversas companhias britânicas a atuar em Lisboa na época, Turner foi também membro do conselho de administração do Banco Nacional Ultramarino, que ajudara a criar em 1864. Já perto do fim da vida, em 1875, este benemérito escocês estabeleceu um fundo de 3.000 libras esterlinas, que o próprio destinou às crianças pobres de Portugal, nomeadamente aos rapazes dos Olivais e às meninas do vale de Chelas, em Lisboa. Foram assim criadas duas escolas nos mencionados bairros, onde milhares de crianças aprenderiam a ler e escrever ao longo de cerca de um século, sendo nelas a Bíblia, mais uma vez, o principal livro de texto.

Por sua vez, no norte do país, com particular incidência na região de Vila Nova de Gaia, coube a James Cassels (1844-1923) iniciar um duradouro trabalho na área da alfabetização e benemerência. Cassels, de origem britânica mas já nascido no Porto, bem cedo adotou o nome português Diogo para

O crescimento da rede escolar protestante ficou ligado ao processo de industrialização do país e aos fenómenos migratórios então experimentados, o que em grande medida explica o facto de estas comunidades se localizarem quase exclusivamente no litoral do território continental.

se sentir ainda mais próximo das pessoas a quem estendeu a sua reconhecida vontade de bem-fazer. À boa maneira anglo-saxónica, em 1868 Cassels concluiu a construção de um edifício que servia ao mesmo tempo de capela para o culto protestante e de escola diária. Até ao fim da vida este homem franzino, popularmente conhecido por “Senhor Dioginho”, empenhou toda a fortuna – deixada pelos pais, mas que ele próprio tinha feito crescer na sua atividade empresarial – na promoção da obra social por si criada que passava por diversas valências, como a alfabetização de crianças e adultos, biblioteca, sociedade mutualista, caixa operária para pobres, “sopa dos pobres”, etc. A vida e obra de James/Diogo Cassels encontram-se retratadas de forma exaustiva na obra *Diogo Cassels: uma vida em duas margens* (2001), de Fernando Peixoto. Quanto ao trabalho social, que tomou forma mais estruturada em 1868 com a constituição da Associação Missionária Auxiliadora – mais tarde “Liga” –, subsiste ainda nos nossos dias através da Associação das Escolas do Torne e do Prado, uma IPSS pertencente à Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica.

Segundo o já citado Moreno Afonso, no princípio do século XX já havia 25 escolas protestantes a funcionar, sem contar com quase uma centena de Escolas Dominicais que faziam parte integrante da atividade evangelizadora e formativa das comunidades protestantes espalhadas pelo país. Como já se referiu, a vertente educativa era sempre acompanhada de uma preocupação muito clara com outras necessidades básicas dos alunos, nomeadamente a alimentação e o vestuário. Apesar de as comunidades protestantes encararem a educação e a assistência social como elemento inalienável do seu mandato missionário, não se pode dizer que o realizassem com um sentido eminentemente proselitista, tanto mais que muitos dos que usufruíram da ação destas entidades nunca se chegaram a integrar nas comunidades religiosas nem foram coagidos a fazê-lo.

Como se demonstra, o crescimento da rede escolar protestante ficou ligado ao processo de industrialização do país e aos fenómenos migratórios en-

tão experimentados, o que em grande medida explica o facto de estas comunidades se localizarem quase exclusivamente no litoral do território continental. Praticamente a única exceção foi o relevante trabalho desenvolvido pela família britânica Robinson, que ainda na primeira metade do século XIX chegou a Portalegre, para naquela região desenvolver a indústria da cortiça. É o patriarca George Robinson (1815-1896/7) que, segundo Manuela Mendes,

«rapidamente faz progredir a sua atividade, adquirindo extensas áreas de montado, estabelecendo contratos de 50 anos para tiragem de cortiça, diversificando produções. Traz consigo os novos conceitos de industrialização. Instala tecnologias até então desconhecidas do incipiente meio corticeiro. A pequena unidade rapidamente se transforma num importante centro corticeiro¹».

Coube, todavia, ao seu filho, George Wheelhouse Robinson (1857-1932), cuidar não apenas da indústria que seu pai tinha instalado no Alto Alentejo, como também do bem-estar de todos os que ali trabalhavam e das suas famílias. George Wheelhouse teve, para a época, uma rara preocupação com a segurança dos seus operários – que em 1900 já eram mais de 2.000 –, criando o primeiro sindicato da atividade corticeira, uma creche para os filhos dos operários e ainda uma cooperativa de abastecimento para os operários e suas famílias. Ficou ainda ligado à fundação da Associação dos Bombeiros de Portalegre em 1899.

Numa segunda fase da presença protestante em Portugal, deixamos de encontrar fenómenos tão localizados e personalizados de ação social, passando esta a ser desenvolvida por instituições estabelecidas para o efeito, porém ligadas às comunidades e denominações que se iam implantando de forma mais estruturada. Uma destas organizações, de caráter

universalista, com origem na Grã-Bretanha, destacou-se: a Young Men's Christian Association – YMCA (1844), que em Portugal ficou conhecida como União, primeiro, e, mais tarde, Associação Cristã da Mocidade (ACM).



As Uniões Cristãs da Mocidade, que surgem pela primeira vez no Porto em 1894, mantiveram a preocupação pela educação do indivíduo. Todavia, esta talvez tenha sido a primeira instituição protestante a ter uma visão holística do ser humano, particularmente dos mais jovens, ainda em processo de formação do caráter. O objetivo inicial da YMCA passava pela melhoria da condição espiritual dos jovens através de classes de formação bíblica, reuniões de oração e oportunidades de sociabilização. Em cada país e mesmo em cada associação local este objetivo foi sendo interpretado de modo particular, procurando, porém, responder sempre às necessidades do jovem nas suas vertentes espiritual (alma), física (corpo) e intelectual (mente), correspondendo assim simbolicamente ao acrónimo da organização: ACM. No Porto, onde o movimento teve início, era vasto o conjunto de atividades desenvolvidas: prática desportiva, incluindo novas modalidades para a época (basquetebol, voleibol, andebol, ténis de mesa, etc.), excursões e passeios, conferências temáticas, escotismo, aulas técnicas, ensino de línguas, entre as quais o esperanto, banhos gratuitos, e muitas outras. Uma das inicia-

1. <http://www.cm-portalegre.pt/resources/2080/zoom/robinson.pdf>

tivas com mais impacto que o chamado “movimento acemista” empreendeu, já no século XX, foi a criação do Comité do Triângulo Vermelho que teve como missão o apoio às tropas do Corpo Expedicionário Português, enviadas para França durante a Grande Guerra. Ao longo do tempo as ACM locais foram progressivamente dando maior ênfase às vertentes física e social da sua ação, pelo que hoje em dia se encontram a elas associadas clubes federados de diversas modalidades desportivas, como acontece na ACM de Coimbra, e também um significativo trabalho de solidarie-

dade e ação social, como no caso da ACM de Setúbal, uma das maiores IPSS desta região.

Percebe-se, assim, a razão pela qual, nesta primeira fase da presença das correntes de origem reformada em Portugal, não se conhecem instituições exclusivamente dedicadas ao que numa linguagem mais atual poderia ser designado como “serviço social”. No entanto, ficam patentes dois aspetos que merecem destaque: por um lado, desde o primeiro momento as comunidades e instituições protestantes foram sensíveis às mais diversas necessidades das pessoas, no âmbito físico, psicológico, espiritual e social; por outro lado, houve uma forte aposta na educação como agente preferencial de modificação de comportamentos e, enfim, do modelo social vigente.

É ainda de mencionar que parte da intervenção protestante na ação social na transição do século se fazia através de organizações não protestantes e mesmo não religiosas, mas em que a numericamente inexpressiva comunidade protestante pontuava. O caso mais paradigmático é o da Cruz Vermelha Portuguesa que tem como um dos mais destacados pioneiros da sua “refundação” em 1887 o major do Exército Guilherme Luís dos Santos Ferreira (1849-1931). Este major era um ilustre membro de uma igreja protestante de Lisboa e desempenhou funções como secretário da Cruz Vermelha durante cerca de 30 anos. Em 1915, para além de Santos Ferreira, mais três líderes protestantes faziam parte da Comissão Central

Revista “Saúde & Lar”

Trata-se da mais antiga publicação periódica portuguesa dedicada a temas de saúde e vida familiar, distribuída ininterruptamente desde janeiro de 1942. Foi iniciada e é mantida ainda hoje pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, embora seja destinada a um vasto público interessado neste tipo de temáticas. Note-se que desde os anos 40 esta revista foi pioneira em chamar a atenção dos seus milhares de leitores para temas na altura pouco discutidos como os malefícios do álcool, perturbações de personalidade, acidentes de viação, doenças causadas pelo uso de tabaco, as drogas e a sua infiltração no lar e na escola, vegetarianismo e alimentação variada, doenças como o reumatismo, diabetes, acidentes cardiovasculares, cancro, etc. O seu primeiro diretor foi António Dias Gomes (1901-1994), que na época era presidente da União Adventista.





da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha. A esta ligação ao movimento internacional da Cruz Vermelha não é estranho o facto de o seu fundador na Suíça, Henri Dunant (1828-1910), ter sido líder em Genebra da Union Chrétienne de Jeunes Gens, designação francófona da YMCA. Para além desta participação protestante na Cruz Vermelha observa-se também um forte empenho das suas elites dirigentes em causas à época candentes como a abolição da escravatura, a participação das mulheres, a condenação dos maus tratos a animais, entre outras.

Da investigação que empreendemos parecemos justo concluir que a primeira instituição de serviço e solidariedade social a surgir de forma consistente e duradora no campo protestante é a Sociedade (hoje Associação) de Beneficência Evangélica (ABE), fundada em 1927. O seu grande impulsionador foi José Augusto Santos e Silva (1863-1940) que, certamente não por acaso, tinha sido também um dos fundadores da ACM de Lisboa, em 1898. Embora esta instituição tenha surgido no âmbito da atividade de

uma comunidade protestante local, a Igreja Evangélica Lisbonense, de denominação congregacional, nos anos 40 do século XX a associação alargou os seus corpos sociais a membros de outras famílias protestantes, pelo que se pode dizer que até aos dias de hoje manteve uma forte transversalidade denominacional na sua composição. Embora também neste caso não se tenha menosprezado a educação – já que esta sociedade mantinha uma escola diurna e noturna – a verdade é que a sua ênfase estava no apoio médico. Quando abre pela primeira vez as suas portas a 15 de abril de 1927, no Bairro da Estefânia em Lisboa, a ABE contava com consultório médico de clínica geral e de várias especialidades, duas en-

femarias para internamento de homens e mulheres com oito camas, posto de enfermagem e balneário. Os serviços prestados eram gratuitos para sócios e familiares ou, quanto muito, a preços bastante reduzidos. Ao longo do tempo as valências da instituição foram sofrendo algumas alterações, para a adequar às necessidades que iam surgindo, mas o foco manteve-se o mesmo baseado nas palavras de S. Paulo: « façamos o bem a todos, especialmente aos que pertencem à nossa família na fé » (Gl 6, 10). Hoje em dia o principal polo de atuação da ABE localiza-se no Lar Cristão, em São Sebastião de Guerreiros, concelho de Loures, uma bem equipada unidade com capacidade para 50 utentes internos, Centro de Dia para mais 20 utentes e ainda apoio domiciliário diário a outras 50 pessoas; tem ainda um plano para a construção de um centro de cuidados continuados. A história desta instituição encontra-se amplamente documentada na obra *80 Anos de História da Associação de Beneficência Evangélica* (2007), da autoria de Paulo Santos e Silva Calado.

Calcula-se que existam hoje em Portugal mais de 100 instituições registadas de ação social, isto sem contar com os departamentos de beneficência que, muitas vezes de modo bastante informal, são mantidos por quase todas as cerca de 2.000 comunidades protestantes locais.

Em 1931, no contexto do trabalho do Dispensário Evangélico, foi estabelecida a Missão Médica Cristã de Lisboa, tendo como Diretor o médico Alan Gabriel Bodman (1891-?). Este trabalho que teve grande impacto em Lisboa contou ainda com a colaboração de dois médicos (Luís Pereira e Leopoldo de Figueiredo) e de uma enfermeira diplomada (Inês Gordon). Funcionava ainda com Escola Dominical e classes de alfabetização. Dois anos depois viria também a surgir no Porto a Beneficência Evangélica.

Porém, ao longo do período do Estado Novo poucas seriam as entidades de serviço social constituídas no contexto protestante. É verdade que, regra geral, cada comunidade local, que nesta época já eram várias centenas, tinha o seu próprio departamento de beneficência, com o qual procurava acudir às diversas necessidades das populações que as circundavam. No entanto, os escassos recursos financeiros e humanos de que dispunham não permitia a criação de instituições muito desenvolvidas. Além disso, viveu-se nestes tempos um clima discriminatório


para com as igrejas e instituições protestantes, pelo que eram frequentes as dificuldades administrativas geradas e difícil ou impossível a obtenção de apoios estatais para o sustento destas obras. E, mesmo que esses apoios existissem, provavelmente seriam rejeitados como aconteceu com a já referida ABE que em 1929, ainda no tempo da Ditadura Militar, se recusou a pedir um subsídio anual à Direcção-Geral de Assistência, intuindo que, a ser deferido, isso se traduziria em dependência do Estado. Refira-se ainda que muito do apoio financeiro que chegou a Portugal proveniente de entidades eclesásticas congêneres das denominações evangélicas portuguesas foi aplicado prioritariamente na expansão das respetivas redes de comunidades locais, com particular penetração no interior do país.

Há, todavia, algumas exceções a este relativo vazio de quase cinco décadas que importa aqui mencionar, pela relevância do trabalho produzido. Logo em 1938 foi criado um dispensário da Assistência Evangélica a Doentes de Leprosia, obra internacional de carácter interdenominacional, muito ligado a elementos da igreja metodista e mais tarde batista. A partir dos anos 40 as chamadas “igrejas dos irmãos” mantiveram um trabalho de apoio aos reclusos nas prisões de Lisboa. Em resultado da iniciativa de uma igreja batista no Porto surge em 1948 o Lar Evangélico Português, destinado inicialmente a albergar crianças e jovens órfãos, provenientes de famílias sem recursos financeiros. São também criadas três clínicas médicas: uma em Lisboa em 1954 pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia – a Clínica Adventista; outra igualmente em Lisboa em 1955 pela Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal – a Clínica de São Lucas; e ainda na Marinha Grande em 1960 pela Associação Baptista de Evangelismo – a Clínica Dom Dinis. Na família pentecostal é fundado o primeiro Lar de Terceira Idade em 1961, em Almeirim. No final dos anos 60 ficaram também conhecidos as populares sessões do “Plano de 5 Dias para Deixar de Fumar”, da igreja adventista, a primeira das quais se realizou nas instalações da ACM de Coimbra, em abril

de 1967. Projeto inovador foi o iniciado pelos presbiterianos numa região piscatória nas imediações da Figueira da Foz, em 1971, que tomou a designação de Centro Social Cova e Gala, com diversas valências de apoio àquela população. Só em 1972 chega a Portugal o Exército de Salvação, ramo português do *Salvation Army* fundado em 1865 na Inglaterra.

A plena materialização de uma rede abrangente, em termos de valências e dispersão geográfica, de instituições de serviço social só viria a ser conseguida pelas igrejas do ramo reformado em Portugal após a revolução de abril de 1974. A despeito da enorme discrepância no tecido socio-religioso português – o Protestantismo não chega a representar 3% em termos

populacionais – tornou-se ainda assim possível passar a aceder a disposições e a recursos até aí praticamente inalcançáveis às confissões não católicas, só após a normalização do regime democrático. Calcula-se que existam hoje em Portugal mais de 100 instituições registadas de ação social, isto sem contar naturalmente com os departamentos de beneficência que, muitas vezes de modo bastante informal, são mantidos por quase todas as cerca de 2.000 comunidades protestantes locais. Algumas das 100 entidades acima referidas mantêm mais do que um polo, pelo que são mais de 150 os locais em que estas instituições estão implantadas, um pouco por todo o território nacional. A maior parte delas, cerca de 85%, foram criadas nos últimos 30 anos. Maioritariamente, estas instituições procuram atender às necessidades dos mais velhos, através de Lares de Terceira Idade, Centros de Dia e apoio domiciliário, o que mostra também as profundas alterações demográficas da população portuguesa. Existem, porém, algumas instituições dedicadas aos mais novos, através de Lares, Creches e ATL. Outras áreas de intervenção são também contempladas, como lares de estudantes, clínicas médicas, bancos alimentares, projetos agrícolas, e ainda apoio a toxicodependentes, alcooldependentes, famílias monoparentais, sem abrigo, etc.

Caracterizado por uma teologia que não faz um apelo dogmático às boas obras, o Protestantismo sempre demonstrou uma clara preocupação pela situação do ser humano, no seu contexto, no seu ambiente. Assim, também em Portugal a missão de “salvar almas” nunca se distanciou de uma resposta cabal às necessidades do todo que constitui a pessoa. Embora talvez distantes da proposta oitocentista de uma transformação radical da sociedade, que em larga medida passava pela alfabetização e pela educação, os protestantes em Portugal parecem continuar a mostrar-se preocupados em responder à interpelação de Jesus Cristo no Evangelho: «saibam que todas as vezes que fizeram isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizeram» (Mt 25, 40). 

Lar Evangélico Português

Instituição de solidariedade social com sede no concelho da Maia, hoje em dia com o estatuto de Fundação de Utilidade Pública, criada de modo informal em 1948, em virtude da preocupação demonstrada pelo pastor batista Joaquim Eduardo Machado (1904-1998) com os mais marginalizados da sociedade, principalmente as crianças. Sem quaisquer recursos financeiros, e muito menos apoios estatais, Joaquim Eduardo e a sua esposa Isménia Fontes [Machado], começaram a acolher em sua casa órfãos e outras crianças vítimas de exclusão social que, desde o início, trataram com a mesma atenção e carinho que os seus seis filhos. A missão desta família e da igreja que serviam na cidade do Porto expandiu-se mais tarde no serviço aos idosos. O empenho e dedicação a esta obra por parte do fundador tornou-o conhecido no meio protestante como o “Papá Machado” e mesmo nos meios católicos como o “Padre Américo dos Evangélicos”. A Fundação Lar Evangélico Português continua ao fim de mais de 50 anos a prestar assistência a dezenas de crianças provenientes de famílias desestruturadas em resultado de situações de separação conjugal, violência doméstica, desemprego, prostituição, alcoolismo, toxicodependência, etc. Apoia ainda cerca de 50 idosos em instalações adequadas para o efeito.